

O PIB DE 2013 E O SETOR EXTERNO

Ricardo Lacerda¹

O crescimento de 0,7% do PIB no 4º trimestre de 2013 afastou o fantasma da chamada recessão técnica, dois trimestres sucessivos de recuo no nível de atividade econômica. No ano, o PIB cresceu 2,3%, um pouco acima da expectativa de mercado.

O resultado surpreendeu positivamente, visto que se disseminaram em alguns setores prognósticos de taxa negativa de crescimento no trimestre e, principalmente, porque os investimentos em capital fixo (a FBCF) e, não o consumo, puxaram a expansão em 2013.

Apesar de o resultado positivo ter sido importante, por ter afastado o clima de quase histeria que se anunciava, o debate sobre o crescimento do país não deve ser feito a solavancos, sem uma perspectiva mais consistente.

Cenário externo

A crise financeira internacional, iniciada em 2008, produziu impacto profundo sobre a evolução da economia brasileira, como não poderia deixar de ser, como também impactou negativamente o crescimento econômico dos países nos cinco continentes.

Os efeitos da crise internacional sobre os países em desenvolvimento mudaram ao longo dos últimos cinco anos, conforme os desdobramentos que ela foi apresentando, que se expressaram pelos canais do comércio internacional, do fluxo de capital, das movimentações no valor do câmbio e das crises de confiança que emergiram nos momentos mais agudos.

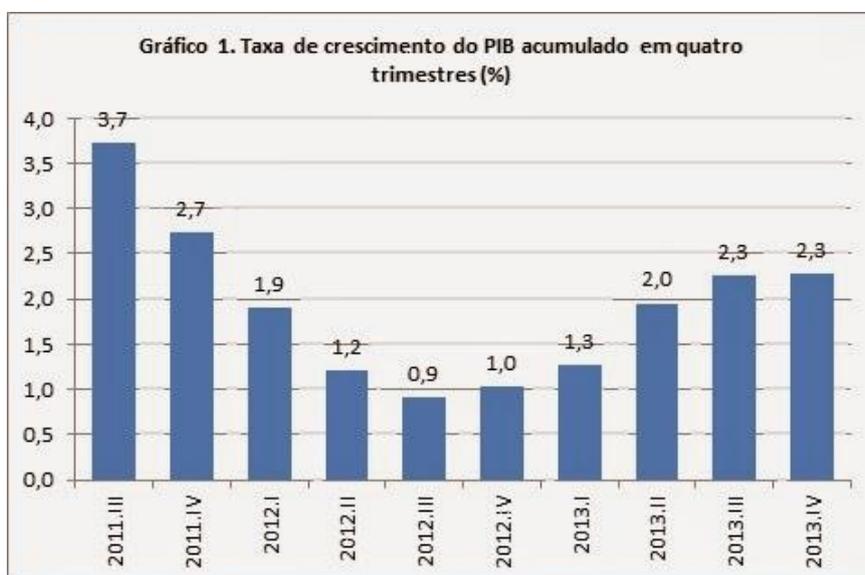
Internamente, esses canais produziram efeitos perversos nas condições da demanda externa pelos produtos brasileiros e na substituição da produção interna pelos importados, provocaram pressões de preço por meio de mecanismos diversos, alteraram as condições de acesso ao crédito e as taxas de juros e impactaram as finanças públicas, com desdobramentos na confiança dos agentes econômicos, empresários e famílias.

¹ Professor do Departamento de Economia da UFS e Assessor Econômico do Governo de Sergipe. Publicado no Jornal da Cidade, em 03/03/2014. Artigos anteriores estão postados em <http://cenariosdesenvolvimento.blogspot.com/>

Enfim, as intempéries vindas de fora comprimiram as perspectivas de crescimento e estreitaram o raio de manobra da política econômica.

Não é difícil constatar que, a cada turbulência no cenário externo, como em setembro de 2008, com o estouro da bolha imobiliária nos EUA; em meados de 2011, com o aprofundamento da crise europeia; e depois do anúncio do banco central americano, em maio de 2013, que iniciaria a reversão de sua política de expansão monetária, com efeitos potencializados pela perspectiva de desaceleração do crescimento da China, a evolução do nível de atividade interna foi impactada negativamente.

O gráfico 1, que mostra a evolução do PIB brasileiro em quatro trimestres em relação ao mesmo período anterior, registra a acentuada desaceleração do crescimento a partir de meados de 2011, frente a um cenário de agravamento da economia internacional, seguida pela progressiva retomada do crescimento interno entre meados de 2012 e meados de 2013. Nos últimos dois trimestres, quando as condições de acesso pelos países emergentes ao capital externo se deterioraram, a retomada da economia brasileira perdeu fôlego, gerando certa apreensão em relação às perspectivas de crescimento em 2014 e 2015.



Fonte: IBGE. Contas Nacionais Trimestrais.

Competitividade

Para além dos impactos de natureza macroeconômica, citados acima, a crise financeira internacional também suscitou questões atinentes às condições de

competitividade de longo prazo da economia brasileira, que dizem respeito às deficiências na infraestrutura, marcos regulatórios e restrições oriundas do mercado de trabalho.

Na prática, é muito difícil atribuir qual é a parcela dos fatores macroeconômicos associados ao cenário externo adverso e qual é a parcela das deficiências mais estruturais na restrição ao crescimento do nível de atividade econômica, tal como medido pela variação do PIB ou de outros indicadores. O exame do comportamento dos elementos da demanda talvez forneça algumas pistas relevantes.

Dispêndio

Do ponto de vista das variáveis de dispêndio que compõem o Produto Interno Bruto, salta à vista como a deterioração do setor externo prejudicou a evolução do nível de atividade da economia brasileira. No período imediatamente anterior à crise internacional, o saldo dos fluxos externos de comércio e serviços do Brasil se manteve positivo, embora declinante.

Em 2007, esse saldo contribuiu com 2,2% do PIB (em valores constantes de 1995). Essa contribuição caiu em 2008 e 2009, até se tornar negativa a partir de 2010. Em 2013, o saldo negativo das exportações e importações de bens e serviços já representou 3,7% do PIB (ver Gráfico2).

Na comparação entre os anos extremos, nenhum outro componente, sob a ótica da demanda agregada, contribuiu tanto para explicar o comportamento do PIB quanto a evolução do saldo das transações comerciais e de serviços com o exterior, nem mesmo o consumo das famílias, que responde por quase 2/3 da demanda agregada (ver Gráfico 2). Enquanto o consumo das famílias aumentou em 5,1 pontos percentuais entre 2007 e 2013, a contribuição do componente externo variou -5,9 pontos percentuais.

Essa mudança de sinal, de positivo para negativo, no saldo entre exportações e importações de bens e serviços com o exterior indica um problema de competitividade de nosso sistema econômico e de sustentabilidade de crescimento a médio prazo.

Parcela das restrições ao crescimento será atenuada quando a economia internacional voltar a apresentar taxas de crescimento mais robustas. Outra parcela depende de respostas de natureza macroeconômica, no manejo da política fiscal, monetária e cambial, e de melhorias na infraestrutura, recursos humanos e ambiente geral de negócios.

Gráfico 2. Participação dos componentes de dispêndio na formação do PIB.
2007 a 2013. (%)



Fonte: IBGE. Contas Nacionais Trimestrais. Participações calculadas com base em preços de 1995.